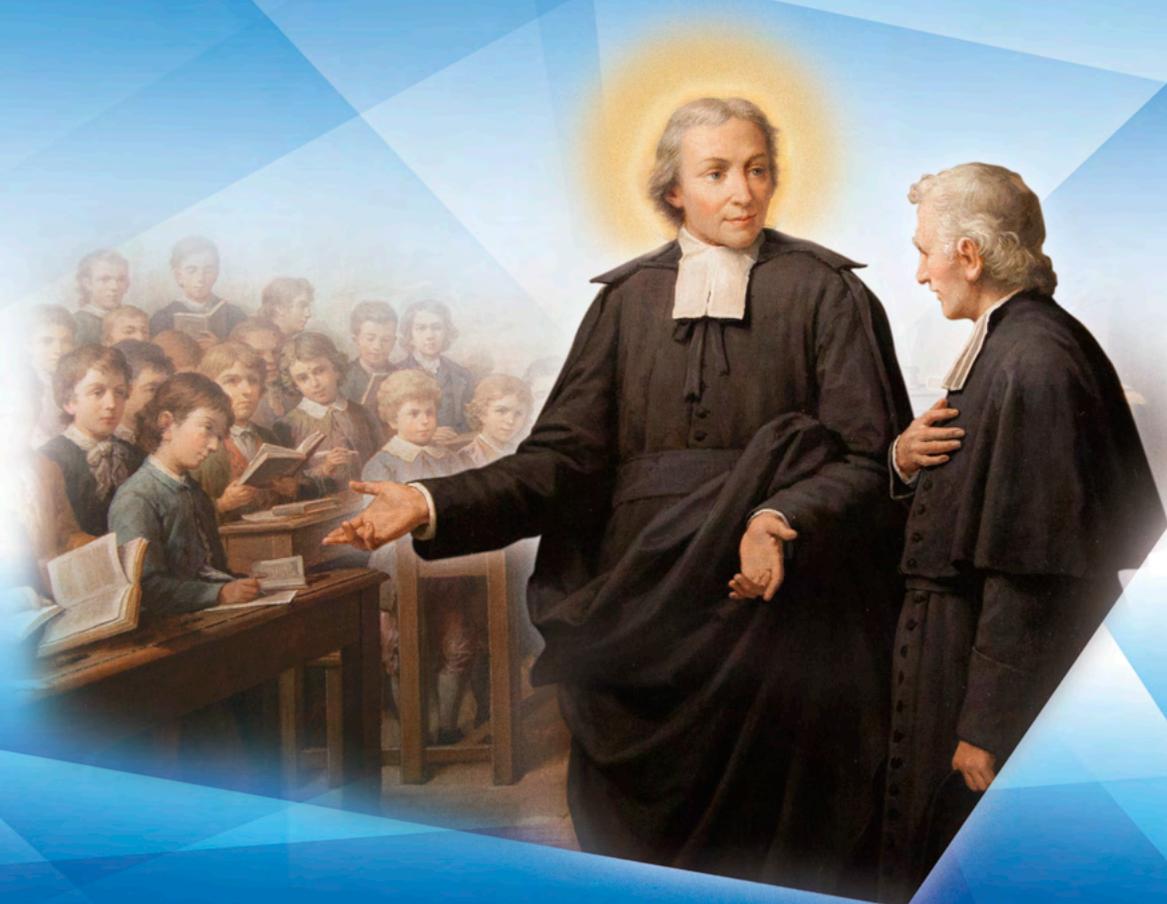


EDUCAÇÃO LASSALISTA: Saberes da prática educativa

ORGANIZADORES

ROBERTO CARLOS RAMOS ★ GIANI WIEBBELLING
KASSIANA BOECK ★ ROSELI SIMONE PINTO ★ ALEXANDRO LIMA



Atena
Editora

Ano 2022

EDUCAÇÃO LASSALISTA: Saberes da prática educativa

ORGANIZADORES

ROBERTO CARLOS RAMOS ★ GIANI WIEBBELLING
KASSIANA BOECK ★ ROSELI SIMONE PINTO ★ ALEXANDRO LIMA



Atena
Editora

Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

São João Batista de La Salle - Flickr

Design da capa

Alexandro Lima

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná



Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadsom Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Educação Lassalista: Saberes da prática educativa

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Roberto Carlos Ramos
Giani Wibbeling
Kassiana Boeck
Roseli Simone Pinto
Alexandro Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação Lassalista: Saberes da prática educativa / Organizadores Roberto Carlos Ramos, Giani Wibbeling, Kassiana Boeck, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Outros organizadores
Roseli Simone Pinto
Alexandro Lima

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-829-5
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.295220701>

1. Educação Lassalista. I. Ramos, Roberto Carlos (Organizador). II. Wibbeling, Giani (Organizador). III. Boeck, Kassiana (Organizadora). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



*Na Escola Lassalista,
“(...) as crianças estão aos cuidados dos mestres
desde a manhã até o entardecer,
para que estes possam ensinar-lhes a bem viver”.
(La Salle. Regras Comuns. 1,3).*

APRESENTAÇÃO

Encontramo-nos diante de uma mudança profunda em nossa sociedade. O mundo educacional sente o impacto transformador das pessoas, dos métodos, da gestão e dos valores. A mudança das formas de ensinar e aprender é um imperativo presente e inadiável.

Este livro apresenta 20 artigos, resultado de estudos no contexto escolar que marcam as pautas das mudanças necessárias, escritas e vividas pelos educadores lassalistas. Com temáticas educacionais variadas, objetiva aproximar as convicções teóricas às eficazes experiências e saberes educacionais, tão necessárias à sociedade do conhecimento e da mudança incessante.

Os escritos desta obra estão centrados no potencial dos profissionais da educação, no qual, são imprescindíveis na missão Educativa Lassalista, desafiando-os ao aprofundamento teórico, a partir dos frutos dos saberes vividos no cotidiano escolar, a fim de ser um instrumento de pesquisa para docentes, gestores e estudantes na busca constante de respostas às questões que chamam atenção para a diversidade educativa.

Os autores desta obra são profissionais da educação, que por meio da pesquisa expressam as experiências nos diversos setores do espaço escolar, falando das da própria vivência, transformando em produção intelectual e buscando compartilhar com você, leitor, as suas indagações, percursos e descobertas.

A Missão Educativa Lassalista é a nossa inspiração e herança, que nos vincula à primeira escola de São João Batista de La Salle, em Reims, na França, no ano de 1679, e assim hoje, com todas as pessoas vinculadas ao Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS, que no seu rico passado de 113 anos de história, somos desafiados a aprimorar as práticas educativas e os fundamentos metodológicos, visando à construção do conhecimento e à formação humana e cristã de crianças e jovens.

Ressaltamos que os saberes da prática educativa, expressos em cada artigo do livro, são ótimos ingredientes que, combinados, produzirão novos conhecimentos e nos inspirarão à dinâmica escolar e a Missão Educativa Lassalista.

Os saberes da prática educativa estão vinculados, especialmente, a uma vivência cotidiana fundante no ato de ensinar e aprender e estão carregadas de distintos conhecimentos, de várias percepções e de concepções de educação e de mundo, gerando uma leitura divergente e fecunda.

Sejam bem-vindos a estas páginas. Esperamos seu olhar curioso se encontrando com as práticas educativas lassalistas, fecundadas de conhecimentos, saberes, vivências e experiências múltiplas, sobretudo esperamos contribuir com a educação de qualidade. Como muito bem disse o grande filósofo Emanuel Kant, “O ser humano é aquilo que a educação faz dele!”

Os autores.

PREFÁCIO

Prefaciар esta obra é viver a experiência de recobrar saberes, legados e sonhos futuros da educação e dos educadores que habitam em nós. Vivemos um novo tempo cronológico e existencial jamais pensado e preparado com a abrupta chegada da pandemia do Coronavírus que forçou a aceleração de processos, modos de existir, de educar e, principalmente, de nos relacionarmos.

Nesse cenário a gestão educacional em diferentes contextos, e em proporções planetárias é provocada a constantes metamorfoses para responder às novas demandas sociais, pessoais e institucionais. O Convite que se impõe convoca-nos a assumirmos nossa adultez respondendo com atitude Antifrágil (TALEB, 2015). Tudo exige, mais que resiliência, adaptabilidade, empoderamento, novos métodos, revisão de processos, e estruturas, de formas de pensar e de trabalhar para responder bem ao que a vida nos pede no momento presente (FRANKL, 2008).

No cenário Educacional a palavra de ordem é reinvenção. Tanto de seus atores quanto de seus métodos, conteúdos e processos. Essa realidade exige mudanças pedagógicas profundas na certeza de que a escola que nos trouxe até aqui, não nos levará adiante caso continuemos a fazer mais do mesmo.

Em meio a tantas janelas de oportunidade que se abrem, em La Salle encontramos um legado inspirador. Em tempos de profundos desafios econômicos, sociais, sanitários e educacionais, ele reinventou a escola para torná-la acessível aos jovens de seu tempo. Hoje ele continua a suscitar interrogações por formas assertivas de responder aos desafios de nosso tempo, em meio a tantas incertezas, e na grande certeza de que mudar é preciso para continuarmos nos reconhecendo educadores. La Salle primeiro faz a experiência de estar com os alunos, de formar professores, de constituir comunidade educativa. Depois, ele sistematiza em seus escritos que continuam nos acompanhando e inspirando na atualidade. Ele faz a experiência com os seus, depois a sistematiza. Esta obra também segue este princípio ao trazer a sistematização de vivências tão atuais, relevantes e marcadas por um tempo existencial profundo e carente de mais tempo para experimentar e não somente vivenciar periféricamente oportunidades que a vida nos propicia para, de fato, estarmos juntos. (BENJAMIN, 1993).

Esta é a era da busca por pessoas que inspiram. Portanto, a recuperação do *Storitelling* legitima-se no mundo atual que busca referenciais para a construção de trilhas existenciais. Nos professores almejamos pessoas que educam pelo saber fazer, pelo ser e pelo conviver além do saber. Ou seja, para além de um conteúdo a comunidade educativa exige, na figura dos educadores, pessoas com história de vida inspiradora, portadora de esperança, sinalizadora de princípios e valores que projetam luzes e mentorias para que os educandos organizem suas trilhas de vida.

Portanto, esta obra nos reúne junto a um grande propósito de educar para a vida. Mais que um *slogan*, é um grande compromisso com a formação das novas gerações. Tal propósito constrói-se na missão que se reinventa, na fidelidade criativa, para continuar a dar respostas às necessidades que se apresentam, de toda ordem, especialmente nestes tempos pandêmicos.

Tal propósito é vivido nesta época que exige a integração de saberes. A aproximação da verdade, o avanço no conhecimento se dá pela colaboração de diversos saberes, dentre eles, o saber fazer e o saber ser e conviver não somente entre humanos mas com a casa Comum (FRANCISCO, 2015).

Estamos ainda vivendo uma educação imersa na travessia pandêmica que exige uma reorganização estética de nossos espaços. Dentre eles, o conceito de sala de aula consolida-se no sentido amplo, seja pelo mundo da virtualidade, da integração com a cidade, com os espaços públicos, sociais, com os espaços privados, entre tantos outros que possibilitam a experiência do aprender.

Para continuar nesta Arena Existencial precisamos desenvolver Habilidades do Futuro que já chegou. Algumas já se mostram claramente. Outras ainda estamos por desenvolver. A exemplo do segundo e terceiro idioma, da alfabetização digital, da produção de conteúdos digitais, além de simples usuários destes, do trabalho colaborativo, da inovação, do pensamento criativo e empreendedor que nos ocupam no momento, legitima-se a pergunta: Que competências aguardam o profissional do futuro? Como podemos educar para um amanhã que já chegou e que ao mesmo tempo encanta, se mostra, se esconde, se anuncia, se denuncia e silencia?

As Competências Educacionais que nos trouxeram até aqui para resolver as grandes questões da humanidade, serão as mesmas que nos levarão daqui para frente? Os indicadores que até então balizam a qualidade educacional nos standares governamentais e não governamentais, continuarão a nos guiar para a educação que queremos?

Em meio a um mundo de incertezas a cooperação mostra-se caminho viável. Nela, as hélices educativas recuperam seu valor no conceito de educação para a vida. Ao recuperarmos as hélices, estamos nos referindo à educação em rede, colaborativa. Esta que integra escolas com governos, empresas, comunidades, enfim, todos os atores sociais. Não se forma para a vida sem considerar estes campos laboratoriais que fomentam competências urgentes e necessárias para a vida que queremos.

Outra certeza de que nos acompanha é a coabitação num mundo híbrido quanto ao uso de novas tecnologias educacionais. Sermos digitais fará, ou já faz parte de nossos processos de identificação, de reconhecimento, de existir em educação. Não temos possibilidade de regredir a um mundo analógico, a um mundo que funcionou por séculos pautado basicamente na presencialidade. Agora, habita em nós o imperativo híbrido que faz a vida ganhar fluxo. Portanto, o presente e o futuro já estão grávidos de novos métodos educativos em que imperam ferramentas digitais que mesclam presencialidade

e virtualidade. Cada vez mais, nossas experiências estarão carregadas dessa realidade.

Outra pergunta importante que continua a trabalhar em nós, neste mundo de metamorfoses, é pelo conceito de Educação de Qualidade nos tempos atuais? Que educação vem responder com maior assertividade as demandas da vida e do mercado de forma mais integral e integradora? Mesmo na fragilidade da resposta, temos indicadores que nos remetem à resolução de problemas reais, ao atendimento dos objetivos do desenvolvimento sustentável conforme (ONU, 2021), dentre outros.

Independentemente dos rumos e tendências educacionais do presente, não questionamos a necessidade do cultivo da Pedagogia do Cuidado de si e do outro. Este cuidado transcende o mero saber, o julgar, a estrita análise ou solução parcial de um problema ou situação existencial. Ele exige o cuidado com a vida em sua plenitude. Cuidado das pessoas, das diferentes manifestações de vida no planeta. Toda nossa partilha, vivências e experiências participam de nosso legado educacional. Não educamos para o imediato, nem para doarmos coisas, mas sim para ficarmos nas pessoas, com nossa acolhida, nossos valores, nossas formas de viver e conviver.

E o futuro da educação? Os desafios são muitos. As possibilidades também. Como La Salle reinventou a educação para que ela respondesse com fidelidade e criatividade aos problemas de sua época, somos convidados à mesma reinvenção. Ou seja, a educação da atualidade precisa se posicionar, com criatividade, inovação e empreendedorismo. Responder aos gargalos pessoais, sociais e institucionais para fidelizar-se é condição necessária e imprescindível para a mudança das pessoas que farão a mudança do mundo que temos para o mundo que queremos.

Creio que nosso futuro educacional está no equilíbrio do hibridismo, aliando novas tecnologias, inteligência artificial com inclusão humana, grande desafio para uma realidade tão desigual entre países pobres, em desenvolvimento e ricos. Pouco adiantará mergulharmos no mundo digital se não fizermos processo de educação e cultura da inclusão num contexto onde o acesso digital é brutalmente desigual e excludente.

Vivenciar o sonho de construirmos uma cidade educadora, onde todas as forças se unem para o bem-estar e qualidade de vida para todos é possível. Acreditemos: grandes coisas são possíveis quando na coletividade encontramos as melhores soluções para nossas dores pessoais, sociais e institucionais. Que a leitura das experiências registradas por educadores, nesta obra, ajude-nos a reinventar a educação no contexto do Pacto Global capitaneado pelo Papa Francisco (ORTIZ, 2020).

Prof. Dr. Paulo Fossatti
Reitor - Universidade La Salle

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. (1993). **La metafísica de la juventud**. Barcelona: Paidós.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si' Do Santo Padre Francisco Sobre O Cuidado Da Casa Comum**. Vaticano, 2015. https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 04 maio 2021.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Tradução Walter O. Schlupp & Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

ONU. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Nações Unidas, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 25 out. 2021.

ORTIZ, Juan Antonio Ojeda; GARCÍA, Manuel Jesús Ceballos; RAMOS, Beatriz Ramírez. **Luces para el Camino: Pacto Educativo Global**. União Européia: OIEC, 2020. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/08/LIBRO-PACTO-EDUCATIVO-GLOGAL-OIEC-1.pdf> Acesso em: 25 jul. 2021.

TALEB, Nassim Nicholas. **Antifrágil**. Tradução Eduardo Rieche. Rio de Janeiro: Best Business, 2015.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EDUCAÇÃO, EDUCADOR E EDUCANDO LASSALISTA: LEITURA A PARTIR DOS ESCRITOS DE SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE	
Roberto Carlos Ramos William Mallmann	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207011	
CAPÍTULO 2	11
EDUCAÇÃO LASSALISTA: MOVIMENTOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES AO LONGO DOS SÉCULOS	
Daniela Pelissari	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207012	
CAPÍTULO 3	17
EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR E DA IGREJA EM TEMPO DE PANDEMIA	
Paulo Roque Gasparetto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207013	
CAPÍTULO 4	28
LA SALLE CARMO: HISTÓRIA, IDENTIDADE E LEGADO PARA A CIDADE DE CAXIAS DO SUL/RS	
Alexandro Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207014	
CAPÍTULO 5	40
ASPECTOS ARQUITETÔNICOS DO COLÉGIO LA SALLE CARMO	
Taísa Festugato	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207015	
CAPÍTULO 6	49
UM COLÉGIO CATÓLICO PARA MENINOS EM CAXIAS DO SUL/RS: HISTÓRIA DO COLÉGIO DO CARMO (1908 – 1933)	
Vanessa Lazzaron	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207016	
CAPÍTULO 7	58
A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO COLÉGIO LA SALLE CARMO	
Rosane Lucena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207017	

CAPÍTULO 8	66
INDICADORES DE QUALIDADE DE EDUCAÇÃO NO COLÉGIO LA SALLE CARMO	
Roberto Carlos Ramos	
Francine Abreu Guerra	
Wanderson Frigotto Fernandes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207018	
CAPÍTULO 9	78
IMPACTOS DOS PROJETOS EDUCACIONAIS DA UNESCO (PEA) NO LA SALLE CARMO	
Roberto Carlos Ramos	
Francine Abreu Guerra	
Wanderson Frigotto Fernandes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2952207019	
CAPÍTULO 10	90
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA DA GESTÃO PEDAGÓGICA	
Adriana Steinmetz	
Giani Wiebbelling	
Liane Kolling	
Rosane Lucena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070110	
CAPÍTULO 11	104
A GESTÃO DEMOCRÁTICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: UM OLHAR A PARTIR DA EQUIPE DIRETIVA DO COLÉGIO LA SALLE CARMO	
Adriana Steinmetz	
Cristiane Spindler Feldens	
William Mallmann	
Roberto Carlos Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070111	
CAPÍTULO 12	118
SOU LA SALLE CARMO: EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO E MARKETING DE RELACIONAMENTO	
Tácia Stringhi	
William Mallmann	
Alexandro Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070112	
CAPÍTULO 13	130
A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR A HABILIDADE ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Paola Rossi Menegotto	
Samira Dall Agnol	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070113	

CAPÍTULO 14.....	146
A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
Janis Moreira de Freitas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070114	
CAPÍTULO 15.....	156
AS FRAGILIDADES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA ESCRITA	
Simone De Mozzi de Castilhos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070115	
CAPÍTULO 16.....	166
O TEATRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A PRÁTICA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Michelle Michelon Sancigolo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070116	
CAPÍTULO 17.....	174
A PLASTICIDADE CEREBRAL E A APRENDIZAGEM	
Juliete Fernanda Facchin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070117	
CAPÍTULO 18.....	185
A PAISAGEM SONORA COMO ELEMENTO AFETIVO NO AMBIENTE ESCOLAR	
Laura Cardozo Perozzo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070118	
CAPÍTULO 19.....	195
O SOM E O SENTIDO: A MÚSICA COMO FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS SENSÍVEL E CRIATIVA NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19	
Miraci Jardim Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070119	
CAPÍTULO 20.....	202
AMOROSIDADE E DIALOGICIDADE NO CONVIVER: O PAPEL DA EMOÇÃO E DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Karlani Machado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29522070120	
SOBRE OS ORGANIZADORES	205

A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR A HABILIDADE ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Data de aceite: 01/12/2021

Paola Rossi Menegotto

Especialista em Alfabetização e Letramento e em Educação Especial Inclusiva pela UNIASSELVI. É formada em Letras/Inglês pela UCS e em Pedagogia pela Uninter. Professora do Ensino Fundamental no Colégio La Salle Carmo de Caxias do Sul/RS

Samira Dall Agnol

Doutora em Letras pela associação ampla UCS - UniRitter. Mestrado em Letras e Cultura Regional pela UCS. Graduação em Letras Português/Inglês pela UCS. Professora Adjunta do curso de Letras e Letras/Inglês na UCS

“O papel do professor é de extrema relevância no desenvolvimento da habilidade escrita enquanto os alunos aprendem uma língua estrangeira.”

1 | INTRODUÇÃO

A língua inglesa é reconhecida como uma das línguas mais faladas no mundo. A necessidade de saber este idioma tem aumentado nos últimos anos. Pessoas de diferentes países estão aprendendo-o e fazendo o inglês sua segunda língua ou idioma estrangeiro. Para suprir com a necessidade, muitas escolas foram criadas para ensinar essa língua para alunos. Existem diferentes metodologias e abordagens para ensinar o

idioma, mas neste artigo será abordada a metodologia comunicativa, na qual o inglês é ensinado de acordo com quatro habilidades.

A metodologia comunicativa, de acordo com o Dicionário Oxford (2010, p.301, tradução) é “uma metodologia de ensino de uma língua estrangeira que salienta a importância de aprender a comunicar informações e ideias no idioma”. Ela também é baseada na ideia de que quando os alunos se envolvem em uma comunicação real, ela torna o processo de aprendizagem da língua mais fácil. Alguns dos princípios dessa metodologia são a comunicação efetiva, foco na fluência e precisão e a integração das quatro habilidades (auditiva, oral, de leitura e escrita). “A habilidade de comunicação envolve o entendimento completo do vocabulário, gramática, compreensão e todos os aspectos das habilidades do inglês, como ler, ouvir, falar e escrever” (IRMAWATI, 2012, p.1, nossa tradução).

Sabe-se que ensinar as quatro habilidades (auditiva, oral, de leitura e escrita) em uma sala de aula comunicativa é de grande importância. Cada habilidade precisa ser desenvolvida e ajudará o aluno a aprender propriamente o idioma sendo estudado. A fala, a leitura e a audição são muito presentes na sala de aula, sendo ensinadas praticamente em todas as aulas. Porém, a habilidade escrita tem sido esquecida na maioria das aulas. Em geral as atividades direcionadas à escrita, demandam

mais tempo e, talvez também por isso, os professores preferem não ensiná-la, portanto, eles estão ignorando uma parte muito importante da língua.

Assim como qualquer outra habilidade, é essencial que os alunos aprendam a escrever. Quando eles têm esse conhecimento específico, será mais fácil para eles escreverem qualquer tipo de texto e gênero textual em inglês. Uma vez que os alunos entendem que praticar a escrita na sala de aula é um hábito, ela se torna menos difícil para que eles produzam um bom texto. Porém, é importante que o professor motive os alunos da maneira certa para que eles possam perceber que a escrita também pode ser divertida. Este é um trabalho mais complexo e demora mais tempo do que qualquer outra habilidade. Se o professor puder mostrar aos alunos o caminho certo de praticá-la, a escrita se tornará um bom exercício para os alunos.

2 I HABILIDADES COMUNICATIVAS NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLES A

Sabe-se que muitas pessoas decidem aprender um idioma estrangeiro por causa da globalização e também pelo fato de que se elas pretendem viajar para fora do país, seja por lazer ou trabalho/estudos, eles precisarão saber o idioma. Isso explica o fato de que muitas cidades têm várias escolas de idiomas, não somente para ensinar inglês, mas também outros idiomas. A necessidade de saber um outro idioma hoje em dia aumentou e é por isso que as pessoas procuram essas escolas para começar um curso.

Enquanto se ensina uma língua estrangeira em uma escola de idiomas, de acordo com a metodologia comunicativa, existem quatro habilidades que precisam ser ensinadas aos alunos: a fala, escrita, a audição e a leitura. Essas quatro habilidades são formas que os seres humanos têm para se expressar e para serem entendidos. Especialmente em salas de aula de idiomas, as habilidades devem ser desenvolvidas para que os alunos tenham um conhecimento próprio da língua que estão aprendendo.

2.1 Habilidade auditiva

Em poucas palavras, esta habilidade consiste em escutar o que uma pessoa disse, processar a informação, entendê-la e depois, finalmente, responder ou com a fala ou escrita. O primeiro contato que as pessoas têm com um idioma, ainda quando bebês, é através da audição.

As crianças aprendem primeiramente como escutar em um idioma específico. Depois disso, elas aprendem a falar e então, na escola, aprender a ler e a escrever. Portanto, a audição e a fala são as duas primeiras habilidades comunicativas com as quais as pessoas têm experiências.

Essa habilidade é esquecida muitas vezes na sala de aula. Algumas pessoas acreditam que essa habilidade irá se desenvolver automaticamente através de atividades que envolvem gramática, vocabulário e pronúncia. Essa habilidade não é desenvolvida somente dessa forma.

Em exercícios de fala, por exemplo, a escuta é uma parte importante. As pessoas precisam entender a mensagem que está sendo transmitida e depois podem responder através da fala novamente.

Outra função importante da habilidade auditiva é antecipar o que acontecerá em uma conversa ou discurso, por exemplo. “Talvez o elemento mais vital em aprender a ouvir efetivamente em uma segunda língua ou idioma estrangeiro é a confiança, e a confiança vem com a prática e com alcançar o sucesso desde muito cedo” (HEDGE, 2000, p.255, nossa tradução). Em conclusão, a habilidade auditiva é de grande importância para ser estudada e praticada na sala de aula, assim como qualquer outra habilidade.

2.2 Habilidade oral

Falar, como a palavra já diz, é a habilidade de se comunicar verbalmente em um idioma específico e de se fazer entender por outra pessoa. Existem várias razões pelas quais é importante que os alunos aprendam a falar em uma língua estrangeira. “Uma delas é que, para muitos alunos, aprender a falar com competência em inglês é uma prioridade” (HEDGE, 2000, p.261, nossa tradução). Nós nos comunicamos principalmente através da fala, então é essencial ter um bom conhecimento dessa habilidade.

É claro para quem trabalha como professor de língua, o desejo de alguns alunos em *falar* inglês quando eles começam a estudar a língua. Pensando nisso, é possível perguntar-se por que os alunos não dizem que eles gostariam de *escrever* em inglês assim como serem capazes de falar, especialmente hoje, com o advento de tantos recursos tecnológicos que lançam mão da comunicação por escrito (redes sociais, aplicativos, jogos, etc.).

2.3 Habilidade de leitura

Essa habilidade envolve ler um texto, interpretá-lo e compreendê-lo corretamente. Ela deve ser ensinada porque, já que é em um outro idioma, os alunos podem ter dificuldades de entender o que o autor quis dizer. Assim como ela precisa ser ensinada na língua materna, ela precisa ser ensinada no inglês.

Aprender a ler e a compreender um texto não é uma tarefa fácil. Ela precisa ser desenvolvida e praticada. “Claramente alunos de uma segunda língua vão ter dificuldades em processar textos que contêm aspectos não familiares da língua inglesa” (HEDGE, 2000, p.192, nossa tradução). Outro tópico que os leitores podem achar difícil é o vocabulário. Eles podem encontrar um certo nível de dificuldade, de acordo com a demanda do texto que eles estão lendo.

Diz-se que quando nós lemos, nos tornamos melhores leitores. Isso se deve ao fato de que nós vemos diferentes gêneros, vocabulário e também, diferentes maneiras em que o autor decidiu escrever o texto. A habilidade de leitura é aperfeiçoada a cada vez que uma pessoa decide ler um texto. Ler é muito semelhante a escrever, de uma maneira, pois o

vocabulário e a gramática são os maiores componentes em ambas as habilidades.

2.4 Habilidade escrita

Existe também a habilidade escrita, que envolve registrar a informação na forma escrita ao invés da falada. Muitos fatores importantes devem ser levados em consideração enquanto se escreve, por exemplo a formalidade e o gênero.

É de conhecimento comum que as pessoas se comunicam principalmente através da fala. Porém, esta estatística vem mudando nos últimos anos. A necessidade de se comunicar através da escrita vem crescendo muito. As pessoas estão usando mídias sociais, emails e mensagens de texto ao invés de falarem pessoalmente. Isso acontece principalmente por causa do progresso da tecnologia. As pessoas podem encontrar algumas dificuldades enquanto escrevem um texto, por exemplo, provavelmente porque elas não foram adequadamente ensinadas a fazer isso.

Pensando no desenvolvimento da tecnologia e também sobre o quanto a escrita tem se tornado mais importante na vida das pessoas ultimamente, este se torna um tópico interessante para se discutir. Escrever é tão importante quanto falar, ler e ouvir. Essas quatro habilidades são ensinadas nas salas de aula de idiomas. Porém, a escrita não tem um tempo apropriado para ser trabalhado tanto quanto deveria. Tarefas de escrever demoram um tempo longo para serem feitas, já que passa por vários esboços até chegar à versão final. Talvez seja por isso que muitos professores não gostam de trabalhar com a escrita, pois ela demanda muito tempo, esforço e determinação do professor e dos alunos. O que poderia ser feito de modo que os alunos gostem da atividade seria o professor encontrar uma maneira de “provocar os alunos a ter ideias, entusiasmando-os com o valor da atividade e persuadindo-os que a atividade pode ser divertida” (HARMER, 2004, p. 41, nossa tradução).

Como visto acima, cada habilidade tem suas próprias características, similaridades e diferenças. Porém, elas só funcionam apropriadamente se todas forem ensinadas na sala de aula. Uma habilidade é conectada com a outra, portanto, para que os alunos aprendam o idioma sendo estudado, as quatro habilidades devem ser desenvolvidas igualmente na sala de aula. O desenvolvimento de uma habilidade pode contribuir para o aprimoramento das outras.

3 | ESCRITA VS. FALA

Como mencionado previamente, quando uma pessoa pensa sobre a escrita e a fala, muitos aspectos são similares enquanto outros não são. Quando falamos, não temos muito tempo para escolher exatamente o que queremos dizer. Na escrita, ao contrário, temos tempo para prestar atenção na linguagem que será usada, para reescrever, se necessário, e como queremos entregar a mensagem.

Uma das principais razões pelas quais devemos nos focar e tentar produzir um bom texto, de acordo com Ur (2012), é porque a escrita é parcialmente permanente. Uma vez que um texto é escrito, ele estará no papel ou numa tela para sempre. Ele pode ser postado na internet e, portanto, ficar lá para sempre. Porém, é sempre possível mudar o que foi escrito ou reescrever se o autor quiser, o que não acontece na fala, por exemplo. Quando um discurso oral é feito, não há como modificá-lo: o que foi dito, foi dito. Um texto também é independente do tempo porque pode ser lido em outro momento, até séculos depois enquanto que o discurso oral, muitas vezes, é produzido e recebido instantaneamente. Alguns discursos podem ser gravados e postados na internet, tornando-os permanente também. Por outro lado, uma conversa entre amigos, por exemplo, que não é gravada, não é permanente.

Outro ponto importante aos alunos é que eles podem desenvolver muitas habilidades enquanto escrevem. Primeiramente, a escrita reforça as estruturas gramaticais, expressões idiomáticas e vocabulário que nós viemos ensinando aos nossos alunos. Em segundo lugar, quando nossos alunos escrevem, eles também têm a chance de ser aventureiros com a linguagem, de ir além o que eles recém aprenderam a falar e a correr riscos. Em terceiro lugar, quando eles escrevem, eles necessariamente se tornam envolvidos com a nova linguagem; o esforço para expressar ideias e o uso constante do olho, mão e cérebro é a única maneira para reforçar a aprendizagem. (RAIMES; CAMPBELL; RUTHERFORD, 1983, p.3, nossa tradução).

O processo de escrita é de grande importância. Deve ser planejado, esboçado, editado e depois, ter uma versão final. Para Harmer (2004, p.6, em negrito no original, nossa tradução), podemos “representar esses aspectos do processo de escrita em uma maneira diferente, portanto; a **roda do processo** [...] claramente mostra as muitas direções que os escritores devem seguir”. O processo consiste em “viajar para trás e para frente entorno da circunferência ou ir para cima e para baixo dos raios da roda. Somente quando a versão final realmente é a versão final o processo alcançou sua culminação” (HARMER, 2004, p.6, sublinhado no original, nossa tradução). A fala não passa por esse processo; é mais rápida. Esse procedimento pode ser representado na figura a seguir:

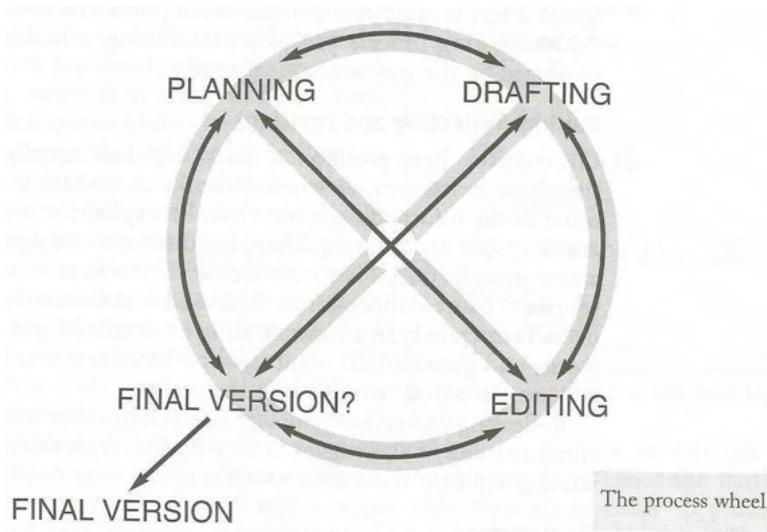


Figura 1- A Roda do Processo

Fonte: HARMER (2004, p.6, tradução nossa do título)

Dessa forma, a escrita desempenha um papel significativo na sala de aula de idioma, assim como a fala, a leitura e a escuta, demais habilidades que também devem ser ensinadas. O tempo agendado para praticar cada habilidade deve ser o mesmo para todas as quatro habilidades, já que são igualmente importantes, a não ser que estejamos falando de um curso específico na língua-alvo. Os estudantes devem aprender e aproveitar a escrita tanto quanto as outras habilidades.

“A escrita é muito mais devagar do que a fala, a leitura e a escuta” (UR, 2012, p.151, nossa tradução). A escrita pode não somente ajudar os alunos a desenvolver as outras habilidades, mas também pode ser útil para fazer os alunos terem consciência da maneira como se expressam. Como eles precisam de tempo para escrever e reescrever, diferentemente da habilidade oral, eles podem notar (com ajuda de um bom professor) quais são seus pontos mais fortes e mais fracos em relação à língua em geral.

4 | PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS GÊNEROS DE ESCRITA FORMAL E INFORMAL

Como mencionado previamente, assim como qualquer outra habilidade, a escrita deve ser ensinada. Porém, ela tem sido deixada de lado por muitas razões nas salas de aula de idiomas. Uma dessas razões pode ser porque ela demanda tempo e já que os cronogramas são limitados principalmente à gramática e ao vocabulário, a escrita é desconsiderada.

Quando a escrita é mencionada, um dos tópicos que se pode pensar é sobre os

gêneros textuais. Muitas pessoas não sabem a diferença de gêneros e tipos de texto, ou mesmo o que é um gênero. Eles são essenciais enquanto uma pessoa está escrevendo um texto. É necessário saber qual é a audiência que o autor pretende atingir, se ele demanda um certo tipo de vocabulário e até mesmo onde o texto será usado ou publicado antes de começar o processo de escrita.

Para ter um melhor entendimento desse tópico, é necessário compreender o significado de texto, primeiramente. Para Tribble (1996, p.57, nossa tradução), “um texto nada mais é do que o produto de categorias de interações sociais que são realizadas por gêneros”. Em outras palavras, um texto é tudo o que se quer dizer na forma escrita ou falada dividindo-a de acordo com um grupo diferente. Cada grupo tem suas próprias características, sendo chamadas de gêneros. Uma definição boa e simples de gênero seria que ele “representa as normas de diferentes tipos de escrita” (HARMER, 2007, p.327, nossa tradução).

Algumas pessoas acreditam que gêneros textuais e tipos de texto são iguais, porém, eles não são. Köche e Marinello explicam as diferenças entre eles como visto a seguir:

As tipologias textuais usadas na construção dos gêneros são a narrativa, a descritiva, a dissertativa, a injuntiva, a explicativa, a preditiva e a dialogal. Um gênero possui uma tipologia base, mas em um mesmo gênero pode haver o emprego de mais de uma tipologia. Assim, os gêneros textuais caracterizam-se pela heterogeneidade tipológica (KOCHE; MARINELLO, 2015, p.10).

Para Köche e Marinello (2015, p.9) “a interação entre os indivíduos no dia a dia ocorre por meio de gêneros textuais próprios que o usuário da língua emprega, disponíveis num acervo de textos construído pela prática social ao longo da história”. Existem muitos tipos diferentes de gêneros textuais e de tipos de textos que são usados diariamente e eles podem também ser modificados de acordo com a ocasião.

De acordo com Devitt (2004, p.1, nossa tradução), “o gênero permeia a vida humana. [...] Pessoas reconhecem os gêneros, embora geralmente não o poder dos gêneros”. Isso significa que, enquanto falamos, as pessoas sabem como usar os gêneros, mas não exatamente as suas regras. Na escrita, é ainda mais difícil. As pessoas normalmente sabem como escrever um anúncio, por exemplo. Porém, eles não sabem como usar o gênero adequadamente e aplicar todas as regras necessárias. Essa é uma das razões pelas quais ele deve ser ensinado para os alunos para que saibam as principais regras sobre gêneros e como aplicá-las corretamente, fazendo o melhor uso possível desse conhecimento.

Quando falamos em escrita, pensamos em reportagens em jornais, uma receita, uma lista de supermercado ou um bilhete, por exemplo. Muitas pessoas não sabem qual gênero eles estão aplicando em cada situação, e algumas pessoas também não sabem a diferença de escrita formal e informal. Simplificando, Ur (2012, p.151, nossa tradução) diz que:

a maioria dos textos são formais. Histórias, notícias, a maioria dos sites, [...],

artigos de jornais, ficção, o livro que você está lendo no momento [...] todos esses são textos formais. A escrita informal estava no passado sendo usada somente em pequenos bilhetes ou lembretes; mas hoje em dia ela é muito mais utilizada: em chats online e mensagens de texto (SMS), por exemplo (UR, 2012. p.151, nossa tradução).

Outro tópico muito importante que precisa ser entendido é para quem esse texto será dirigido, ou seja, qual é a audiência desse texto. Se for para nossos amigos, usaremos um tipo de vocabulário mais informal. Porém, se for para um trabalho acadêmico, por exemplo, não usaremos o mesmo tipo de vocabulário. Essa é uma das diferenças entre o texto formal e o informal. É necessário saber que algumas palavras informais, expressões e gírias, por exemplo, não serão utilizadas em textos formais. Por outro lado, a escrita formal demanda maior atenção, já que é mais “complexa” ou incomum, considerando que nossa vida diária é trespassada pela informalidade.

A tecnologia está ajudando as pessoas a ter contato com os gêneros e tipos de texto e também a aprender mais sobre as suas diferenças. Todo dia ouvimos pessoas que começaram blogs na internet sobre vários assuntos, e ultimamente, esses blogs vem se tornando muito importantes para a sociedade. As pessoas seguem os blogueiros, aceitam seus conselhos, e aplicam-nos em suas vidas. Também é possível definir um blog como um gênero. Para Miller (2009, p.76, em itálico no original) “os *blogs* assumem muitas formas”. Alguns são muito informais, com uma linguagem apropriada para os leitores e alguns podem ser mais formais.

De qualquer maneira, eles são um gênero diferente com que as pessoas podem se relacionar. Como dito anteriormente, as pessoas estão se comunicando muito com mensagens de texto e emails. Porém, esse tipo de escrita informal não tem uma necessidade grande de ser ensinada, porque é muito similar ao discurso oral, embora ela apresente suas próprias características, assim como cada gênero. Além disso, as empresas precisam de empregados que saibam outro idioma e isso significa que eles também devem saber *escrever* em inglês: para enviar emails formais ou preencher formulários e documentos. Essa é uma das razões pelas quais as pessoas devem prestar atenção aos gêneros e tipos textuais antes de escrever.

Além de pensar em gêneros, também é importante pensar no propósito de escrever quando estamos planejando um texto. As razões podem ser entretenimento, informação ou persuasão, por exemplo. Quando uma pessoa tem seu propósito decidido, será mais fácil identificar o gênero e seguir suas regras para que a escrita possa ser apropriada em suas especificações.

Isso significa que gêneros são usados no desenvolvimento dos alunos dentro da sala de aula. “Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado um *megainstrumento* que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 75,

em itálico no original). Os gêneros são um importante tópico que deve ser discutido na sala de aula e eles definitivamente devem ser estudados, já que eles podem trazer um grande conhecimento aos alunos.

5 | PRINCIPAIS RAZÕES PARA ENSINAR A ESCRITA NA SALA DE AULA

Como mencionado previamente, assim como qualquer outra habilidade, a escrita deve ser ensinada. Porém, ela tem sido deixada de lado por muitas razões nas salas de aula de idiomas. Uma dessas razões pode ser porque ela demanda tempo e já que os cronogramas são limitados principalmente à gramática e ao vocabulário, a escrita é desconsiderada.

Quando nós tentamos distinguir a escrita da fala, muitas ideias vêm em mente. Uma das principais diferenças é explicada por Harmer (2004, p.3, nossa tradução). Ele diz que a “língua falada, para uma criança, é adquirida naturalmente como um resultado de ser exposto a ela, enquanto que a habilidade de escrever deve ser aprendida conscientemente”.

Assim como afirma Harmer, a escrita precisa ser um hábito para os estudantes e conhecida como uma parte regular da prática de sala de aula (HARMER, 2007, p.329). Os alunos devem entender a grande importância de aprender a escrever e as situações em que a escrita será requerida deles na vida. De acordo com Raimes, Campbell e Rutherford, “quando nós aprendemos uma segunda língua, nós aprendemos a nos comunicar com outras pessoas: para entendê-los, falar com eles, ler o que eles escreveram e escrever para eles” (1983, p.3, nossa tradução). Portanto, é essencial aprender propriamente um idioma estrangeiro.

Um tópico que precisa ser levado em consideração é o fato de que a escrita que os alunos aprendem na escola na língua materna é parecida com a escrita em inglês. Às vezes, é mais fácil para os alunos, principalmente iniciantes, pensar na língua materna e aplicar todas as regras aprendidas na segunda língua e depois, finalmente, escrever em inglês. Talvez, eles associem melhor o que foi aprendido desta maneira, especialmente enquanto crianças. Porém, esse não é o único modo, até porque é sabido que esse processo de ‘tradução’ pode acarretar em alguns vícios, se utilizado única e exclusivamente. É imprescindível mesclar essa técnica com outras mais. Por exemplo, é uma boa ideia pedir aos alunos para não pensarem em sua língua materna, mas depende do propósito da atividade e também do nível em que os alunos estão e suas idades.

Outro tópico que é essencial aos professores antes de planejarem suas aulas é que os alunos precisam estar confiantes e entusiasmados com a atividade. Se eles estiverem satisfeitos, será mais fácil criar o hábito da escrita que envolve “fazer os alunos confortáveis como escritores da língua inglesa e assim ganhando sua participação voluntária em atividades mais criativas e extensas” (HARMER, 2004, p.61, nossa tradução). As atividades precisam ser atraentes para eles, envolvendo o lado emocional e intelectual de cada aluno.

Eles precisam entender que a escrita pode ser tão divertida quanto participar de um jogo, por exemplo.

Pensando no desenvolvimento da tecnologia, é de conhecimento dos alunos alguns sites com os quais eles podem fazer traduções livres. Quando os professores pedem aos alunos para fazer um texto em casa, algumas vezes é possível ver que eles simplesmente digitaram o texto em um desses sites e literalmente copiaram a tradução. É fácil ver a diferença entre o texto produzido pelo aluno, uma vez que o professor está acostumado com sua escrita e consciente do conhecimento do aluno, e do texto copiado de um tradutor online.

Muitos alunos não entendem o porquê de os professores não gostarem desses tradutores. Eles são uma boa ferramenta e podem ser utilizados, por exemplo, como um dicionário bilíngue. Porém, ele precisa ser usado apropriadamente. Os alunos devem entender que ele somente irá traduzir as palavras de acordo com a primeira tradução que o site possui, nem sempre usando a tradução mais adequada. Esses sites nem sempre apresentam a melhor tradução para algumas gírias e expressões idiomáticas ou tempos verbais, por exemplo. Uma boa ideia seria reservar uma aula para mostrar isso aos alunos. Para fazê-los ver que essas ferramentas podem ser usadas, se usadas cuidadosamente. O professor pode ensinar os alunos como utilizá-las da maneira correta e também mostrar alguns exemplos dos erros que esses sites cometem, para que os alunos percebam que ele é bom, mas nem sempre um instrumento preciso.

Um aspecto importante que precisa ser desenvolvido é a consciência sobre o idioma. Os alunos, principalmente os jovens, devem entender o significado do aprendizado da língua estrangeira propriamente. Alguns deles somente estudam inglês porque seus pais pediram, mas eles gostariam de estar em casa ouvindo música ou assistindo vídeos, por exemplo. Eles precisam estar motivados para que eles entendam verdadeiramente por que é essencial aprender um outro idioma e saber que é possível se divertir enquanto se aprende.

Quando os professores planejam uma aula de escrita, eles precisam saber se os alunos já têm o conhecimento que será exigido deles, como uma estrutura gramatical, vocabulário apropriado e também regras sobre o gênero que eles trabalharão. Se eles não possuem esse conhecimento, a lição deve ser adiada. Os alunos se sentirão mais preparados quando lhes for mostrado que eles sabem tudo o que precisam para realizar a tarefa. Um exemplo do que eles devem fazer sempre é bem-vindo.

É irrevogável afirmar que a escrita precisa ser ensinada, assim como qualquer outra habilidade. Ela tem um papel enorme na sala de aula. Assim, a escrita, quando aprendida, deve ser automática para os alunos. Porém, a escrita não consiste somente em frases colocadas juntas. É mais complexa do que isso. Envolve o aprendizado de gêneros, tipos textuais, a consciência sobre quem irá receber ou interagir com a mensagem, o uso da forma gramatical e vocabulário corretos e o conhecimento que a escrita é diferente da fala,

e também que passa por um longo processo (não tão instantâneo quanto a fala). Portanto, é muito importante que os alunos a aprendam apropriadamente, sempre que possível de forma divertida e entendendo-a como uma parte essencial da aprendizagem de uma língua estrangeira.

6 I IDEIAS DE COMO ENSINAR A HABILIDADE ESCRITA

Infelizmente, não existe uma receita para fazer os alunos escrever, como existe para fazer um bolo, por exemplo. Ou, se quisermos usar a ideia de receitas, podemos pensar que muitas receitas podem produzir ótimos bolos. Então, podemos fazer o mesmo com o ensinamento da escrita. Já que estaremos lidando com pessoas, cada um dos nossos alunos pode lidar com as atividades propostas de maneiras diferentes, então é uma tarefa do professor pensar nisso de antemão. “É importante que nós escolhamos atividades de escrita que tenha uma chance de atrair nossos alunos – e que tenha, se possível, alguma relevância para eles” (HARMER, 2004, p.61, nossa tradução). Qual seria o significado de praticar nossas habilidades em alguma coisa se nós provavelmente nunca as usaremos em nossas vidas ou se nós não pudéssemos ver nenhuma habilidade sendo desenvolvida através da atividade? Os alunos podem achar a atividade chata se eles não verem um significado para ela. Portanto, as atividades que os professores propõem para os alunos precisam fazer sentido para eles e elas precisam ser tarefas que provavelmente serão úteis no futuro dos alunos.

De acordo com Harmer (2004, p.62, nossa tradução), uma “atividade de escrita envolvente [...] os diverte, os intriga, ou faz com que se sintam bem”. Isso é o que queremos que nossos alunos sintam. Nós queremos que eles se divirtam enquanto fazem a atividade. Mas como isso pode acontecer? Quais tipos de atividades nós devemos planejar para que nossos alunos se motivem?

Duas atividades pedagógicas foram desenvolvidas e, na sequência, elas serão apresentadas. É importante enfatizar que os exercícios que seguem já foram aplicados em uma sala de aula de idiomas e foram bem-sucedidos.

6.1 Diários ficcionais

A criatividade é muito bem-vinda quando falamos de atividades escritas. Uma atividade que foi aplicada e funcionou durante dois semestres letivos em quatro turmas diferentes em uma escola de idiomas para os níveis elementar e pré-intermediário para alunos de nove a doze anos, é a ideia de um diário ficcional. A ideia foi criar um diário, mas já que os alunos, especialmente adolescentes, não gostam de se expor, mesmo através da escrita, a ideia mudou.

O projeto transformou-se em um diário sobre um personagem ficcional que eles criaram. Poderia ser um monstro, uma pessoa ou um animal, por exemplo. Primeiramente,

eles escutaram um modelo de um personagem criado pela professora e os alunos imediatamente sentiram-se animados e quiseram começar a atividade. A primeira página consistia de uma introdução do personagem onde eles deram informações sobre o mesmo. Na página seguinte, eles puderam desenhar o personagem, tal como eles o haviam imaginado.

O processo da escrita aconteceu em momentos em que eles escreviam sozinhos com a eventual ajuda da professora e de dicionários em uma folha de rascunho. Após a professora ler os textos e sugerir aprimoramentos, os alunos refaziam e os textos eram revistos mais uma vez pela professora antes de serem registrados nos diários.

Adolescentes também gostam de arte e trabalhos manuais, então lhes foi permitido criar uma capa para os diários assim como eles desejassem. Alguns alunos usaram tecidos e lantejoulas para o tornar diferente. Eles realmente colocaram toda a criatividade na tarefa porque estavam envolvidos na atividade. O projeto duraria somente um semestre, mas já que os alunos estavam tão animados, ele foi estendido por mais um semestre. Porém, eles somente escreviam nos diários a cada dois meses. Enquanto isso, eles criaram outros textos e fizeram outras atividades escritas.

Os tópicos para cada nova página do diário eram diferentes. Eles variavam de acordo com o que os alunos estavam estudando no momento na aula. Por exemplo, em uma aula eles estavam aprendendo sobre doenças e o passado simples. Então, foi pedido para que eles escrevessem uma história em que o personagem deles ficou doente, usando o mesmo tempo verbal estudado, assim como o vocabulário trabalhado.

Um outro momento de entusiasmo em relação à atividade foi quando os alunos pediram à professora se, no final do ano, eles poderiam se caracterizar como os personagens que eles haviam criado e fazer uma apresentação para toda a turma sobre seus diários. Assim que os diários foram finalizados, o sentimento de terem alcançado seus objetivos foi unânime e, além disso, a professora estava se sentindo orgulhosa de seus alunos, que aceitaram a tarefa e deram seu melhor. “O que motiva as pessoas pode ser diferente para diferentes alunos, mas claramente o estímulo que nós providenciamos (encorajá-los a escrever) fará a diferença” (HARMER, 2004, p.62, nossa tradução).

6.2 Escrita colaborativa

Outra boa ideia para uma atividade escrita é usar imagens. Cada aluno ganha uma imagem e depois usa a imaginação e a criatividade enquanto cria uma história ou texto sobre a imagem. Pode ser uma narrativa, como uma história com personagens, ou também pode ser um texto descritivo, onde eles irão perceber os detalhes e criar comparações, sendo cuidadosos com a linguagem utilizada nos dois casos. Essa atividade também pode ser desenvolvida como um projeto de escrita colaborativa, na qual um grupo de alunos escreve o mesmo texto juntos, baseado na mesma imagem, tornando a atividade divertida.

Uma atividade de escrita colaborativa também foi aplicada com alguns alunos no

ano de 2015 em uma sala de aula de idiomas para jovens adultos de nível intermediário alto. Um assunto foi dado aos alunos e eles tiveram dois minutos para começar uma história sobre o tópico. Cada aluno usou sua própria imaginação para criar o texto e eles estavam livres para escolher o que eles gostariam de escrever. A única regra era seguir o tópico dado previamente.

Quando os dois minutos acabaram, eles tiveram que passar suas folhas para o colega do lado, com a qual eles tiveram mais dois minutos para ler e pensar em uma continuação para a história que eles tinham em mãos no momento. Quando eles estavam prontos, outros dois minutos foram dados para que eles pudessem continuar a atividade. E isso continuou acontecendo até que cada aluno recebesse de volta o texto que haviam iniciado.

Essa tarefa é muito comum e muitos professores aplicam-na. Porém, o que tornou a atividade diferente, é que quando os alunos recebessem finalmente a sua história, eles puderam ler e criar um final para o texto. Depois disso, foi pedido para que os alunos lessem os textos e tentassem achar erros. Algumas vezes, quando escrevemos, não prestamos atenção a alguns aspectos da linguagem, então foi mostrado a eles a importância de revisão do que foi escrito.

Porém, a atividade não terminou nessa etapa. A professora levou as histórias já corrigidas pelos alunos para casa e as leu. Depois de digitar os textos e imprimir-los, mesmo com erros, a educadora levou-as de volta para a sala de aula para outra atividade ser realizada.

Os alunos receberam as histórias, mas não a que eles haviam começado e acabado. Eles tiveram que procurar mais erros. A professora ajudou-os nessa etapa e assim que eles acabaram: leram as histórias para toda a turma, e os outros alunos tiveram que usar a habilidade auditiva para prestar atenção e ver se eles achavam ainda algum erro. Assim que eles terminaram, usaram a habilidade oral para discutir primeiramente a história e como se sentiram ouvindo-a. Finalmente, todos os alunos puderam falar sobre os erros que eles encontraram, e então a professora ajudou-os, dando uma pequena revisão sobre os tópicos em que eles haviam cometido erros, para que o conhecimento pudesse ser aprimorado.

Alguns alunos não gostam de cometer erros na frente da turma inteira. Dessa maneira, não foi somente o erro de uma pessoa. Todos os alunos puderam se ajudar. Com essa atividade, eles puderam perceber que todo mundo comete erros e aprenderam a procurá-los e a como corrigi-los, dando aos alunos uma chance de aprender mais sobre as habilidades que foram trabalhadas, além de passar pelo processo de escrita, em uma maneira divertida e educacional.

Um tópico que é importante mencionar é que as ideias mencionadas envolvem gêneros textuais diferentes. Esses gêneros podem não ser usados regularmente na vida dos alunos. Porém, eles têm a possibilidade de usá-los em momentos diferentes ao decorrer

de suas vidas, além de auxiliá-los a aprimorar outras tantas habilidades linguísticas, emocionais, relacionais, etc.

Assim, é possível se envolver em atividades escritas, aquelas que são chamadas de chatas pelos alunos muitas vezes. Quando o professor está disposto a fazer os alunos se tornarem interessados e mais motivados a aprender uma língua estrangeira, especificamente a escrita, é mais fácil fazer isso acontecer. As palavras aqui são criatividade e imaginação! Com isso, será difícil encontrar alunos que não estarão envolvidos com as tarefas escritas.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito previamente, o inglês é uma língua importante e o número de pessoas falando esse idioma tem aumentado nos últimos anos. Porém, falar uma língua não faz com que você a saiba inteiramente. É necessário saber falar, ler, escutar e escrever. Essas habilidades são estudadas e desenvolvidas na abordagem comunicativa.

O objetivo principal desse artigo foi analisar a importância de ensinar a escrita em uma sala de aula de idiomas em um mundo no qual a habilidade oral é tomada como uma habilidade principal. Isso se deve ao fato de que a maioria das pessoas querem poder falar inglês. É difícil escutar alguém dizendo que gostaria de escrever em uma língua estrangeira.

É essencial entender mais sobre cada habilidade, uma vez que elas têm diferenças e semelhanças e somente funcionam apropriadamente se trabalhadas juntas. O conhecimento da diferença entre a fala e a escrita é de grande importância, já que as pessoas, às vezes, acreditam que elas são praticamente o mesmo fenômeno. Expressar razões pelas quais é imperativo ensinar a habilidade escrita também se torna essencial, devido ao fato de que muitas escolas de idiomas e professores da língua inglesa não reconhecerem a necessidade de ensinar a escrita para seus alunos como uma parte essencial de ensinar um idioma.

Assim como Raimes, Campbell e Rutherford (1983, p.3, nossa tradução) propõem, “a escrita ajuda os alunos a aprender”. Enquanto escrevem, os educandos usarão o conhecimento estrutural (gramática, vocabulário, ortografia, pontuação) que já adquiriram. Além disso, lançarão mão do conhecimento de gêneros e de tipos textuais, assim como desenvolverão a leitura quando revisarem o texto.

Quando pensamos em escrita, é possível ter três perguntas em mente: o quê, como e por que ensinar a escrever. Para responder à primeira, é necessário ensinar os alunos sobre gêneros e tipos textuais para que eles saibam que texto devem produzir. Para responder à segunda, é possível dizer que isso pode ser feito por intermédio de diferentes e divertidas atividades, que farão os alunos se motivarem e se envolverem com elas. Finalmente, para responder o porquê é importante ensinar a escrita. O desenvolvimento da tecnologia é uma das razões pelas quais devemos aprender a escrever em uma língua estrangeira. A comunicação escrita está se tornando mais comum por causa da tecnologia.

Portanto, em termos funcionais, pensando no mercado de trabalho, aprender como escrever é essencial, afinal a comunicação também acontece a partir da escrita e tem sido muito usada em empresas. Os empregadores precisam de pessoas que saibam como falar inglês para se comunicar pessoalmente e por meio de telefonemas para pessoas de outros países. Para poderem fazer isso, eles também precisam desenvolver a habilidade auditiva. Além disso, também precisam saber mandar *e-mails* ou cartas para outras empresas, que requerem habilidades bem desenvolvidas de leitura e escrita.

A escrita deve ter o mesmo espaço do que outras habilidades na sala de aula, já que é igualmente importante. É tarefa do professor fazer com que os alunos sintam-se confortáveis enquanto realizam uma tarefa escrita. Além disso, é papel do professor apresentar a relevância do desenvolvimento da habilidade escrita enquanto os alunos aprendem uma língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

DEVITT, Amy J. **Writing genres**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

HARMER, Jeremy. **How to teach writing**. Harlow, UK: Longman, 2004.

HARMER, Jeremy. Writing. In: Harlow, UK. **The practice of English language teaching**. 4.ed. Edinburgh: Pearson, 2007.

HEDGE, Tricia. **Teaching and learning in the language classroom**. Oxford: Oxford University, 2000.

HORNBY, Albert Sydney; PHILLIPS, Patrick (Ed.). **Oxford advanced learner's dictionary of current english**. 8. ed. Oxford, Inglaterra: Oxford University, 2010.

IRMAWATI, Noer Dobby. **Communicative Approach: An Alternative Method Used in Improving Students' Academic Reading Achievement**. Disponível em: <http://www.ccsenet.org/journal/index.php/elt/article/viewFile/18359/12156>. Acesso em: 21 nov. 2019.

KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. **Gêneros textuais: práticas de leitura escrita e análise linguística**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MILLER, Carolyn R. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: UFPE, 2009.

RAIMES, Ann; CAMPBELL, Russel N.; RUTHERFORD, William E. Introduction: teaching writing in ESL classes. In: RAIMES, Ann; CAMPBELL, Russel N.; RUTHERFORD, William E. **Techniques in teaching writing**. New York: Oxford University, 1983.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

TRIBBLE, Christopher. **Writing**. New York: Oxford University, 1996.

UR, Penny. Teaching writing. In: UR, Penny. **A course in English Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

A **Educação Lassalista: Saberes da prática educativa**, remete aos escritos de São João Batista de La Salle, fundador da obra Lassalista, em Reims, na França, no ano de 1679, e assim hoje, com todos os educadores do Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS, que no seu rico passado de 113 anos de história, são desafiados a aprimorar as práticas educativas e os fundamentos metodológicos, visando à construção do conhecimento e à formação humana e cristã de crianças e jovens.

Os saberes da prática educativa, expressos em cada artigo, são ótimos ingredientes que, combinados, produzirão novos conhecimentos e inspirarão à dinâmica escolar, a Missão Educativa Lassalista e a educação de qualidade.

A **Educação Lassalista: Saberes da prática educativa**, remete aos escritos de São João Batista de La Salle, fundador da obra Lassalista, em Reims, na França, no ano de 1679, e assim hoje, com todos os educadores do Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS, que no seu rico passado de 113 anos de história, são desafiados a aprimorar as práticas educativas e os fundamentos metodológicos, visando à construção do conhecimento e à formação humana e cristã de crianças e jovens.

Os saberes da prática educativa, expressos em cada artigo, são ótimos ingredientes que, combinados, produzirão novos conhecimentos e inspirarão à dinâmica escolar, a Missão Educativa Lassalista e a educação de qualidade.